

Crônica de Natal

Hoje é dia de Natal. Vinte e cinco de dezembro. Terça-feira. Como sempre, acordei cedinho, por volta das seis horas. Pra aproveitar melhor o feriado, assim dizia o amigo Ary Paulo Wiese, canoinhense nativo, que nos deixou muita saudade.

Ontem à noite minhas duas filhas, Fran e Fran (estranho? Não! São filhas de mães diferentes, mas as amadas filhas do mesmo pai: EU!), resolveram que elas fariam nossa ceia de Natal. Foi formidável! Não fiz nada (em geral sou em quem prepara a boia para elas) e o jantar estava simplesmente saboroso! Organizaram tudo e fizeram bife à parmegiana acompanhado de arroz, maionese e fritas. Delicioso!

Enquanto as filhotas preparavam nossa ceia o telefone fixo tocou. Nos dias de hoje o telefone fixo serve apenas para duas situações: Receber solicitações para mudar o plano ou para encontrar o celular que você esqueceu não lembra onde. Fui atender por tratar-se de noite de véspera de Natal. Normalmente são pessoas querendo mudar o plano do telefone, oferecendo empréstimos, querendo saber de alguma pessoa que eu nunca ouvi falar e que deu meu número como referência, às vezes até cobradores!

Mas não. Era um amigo com o qual nos encontramos depois de meio século de afastamento por conta do destino! José Amauri Siqueira foi meu amigo de infância, lá nos pagos de Lebon Régis, onde nasci. Fiquei muito feliz com sua ligação. Desejou-me os tradicionais votos de Feliz Natal, Boas Festas e tal, como o padrão. Contou-me que está com sua companheira cearense de nascimento e amazonense de trabalho, agora residindo em Tijucas, Santa Catarina. O casal está me convidando para passar alguns dias com eles, em sua cidade, para colocarmos o papo em ordem. Aparecida, sua mulher, quer conhecer o amigo de infância do marido. E eu vou lá, por esses dias! Amauri falou com todas as letras que *eu sou seu único amigo*. Fiquei sensibilizado! Agradei emocionado e retribuí os votos ao amigo de infância, grande abraço e coisa e tal...

E as filhas chamaram-me saborear para o jantar.

Depois do jantar nos reunimos, os três na minha salinha preferida, onde está o computador que armazena meus escritos e conversamos, rimos, gargalhamos, debochamo-nos uns dos outros, contamos (elas) causos novos e (eu) causos antigos. Falamos sobre livros, filmes, família, nossos animais de estimação.

Consertamos o mundo! Claro que tudo isso regado a cerveja, lógico...

Fico imensamente feliz, realizado, na verdade, porque essas duas meninas são muito chegadas, confidentes, amigas, festeiras, parceiras! Fico feliz porque elas se conheceram há mais ou menos nove anos, quando Franciele surgiu em minha vida.

Nessa época ela completara dezoito anos e eu não sabia que ela existia. Jamais soube de sua existência até o dia que ela surgiu em *minha vida*. Devo dizer que ao vê-la pela primeira vez, sorrindo um riso meio sem graça, inibida, ligeiramente encabulada, não tive a menor dúvida de que fosse realmente minha filha. A genética é uma parte da biologia que sempre me surpreende. Franciele é o retrato vivo de minha irmã Eva, falecida há dezenas de anos! Ela contou-me quem era sua mãe e imediatamente aceitei-a como legítima. Ela é filha de Marli, uma linda menina que conheci em nosso cotidiano, lá no passado. Tivemos um caso que julguei passageiro, mas ela sempre dizia assim: “*Quero um filho teu!*”. Nunca levei a sério seu pedido, pois ela era apenas uma menina, pouco mais que adolescente. Algum dia, Marli simplesmente sumiu de minha vida e nunca mais ouvi falar dela. Desapareceu!

Até o dia em que marcamos a coleta de sangue para confirmarmos o DNA.

Fomos, na hora marcada, Marli, Franciele e eu ao laboratório de meu amigo Peninha e sua assistente fez a coleta das três amostras, conforme os ditames da lei. Não falamos nada durante a coleta. Ao sairmos perguntei a Marli porque ela nunca me contou sobre a existência da filha. Ela fuzilou-me com seus olhos negros e disse: “*O filho era MEU!*”. Virou as costas e rumou para seu destino. Desde então não mais conversamos, mas minha filhinha Franciele tem-me brindado com sua constante presença em minha vida, completando minha alegria de pai.

Ah! O resultado do DNA não deu 100% positivo: deu 99,999999% provável! Como disse antes, eu não precisava fazer tal exame para ter certeza da filiação, pois a menina é a cara de minha irmã! Mas Franciele queria ter certeza. E eu nunca lhe dei nada em toda sua vida, como não iria lhe dar essa certeza, já que estava ao meu alcance?

Francelyne (mais moça) tem três anos de diferença de Franciele, mas parecem ter vivido sempre juntas. Isso me fascina!

Ficamos até perto de duas horas da manhã conversando e apreciando fotos antigas da família, que Franciele ainda não conhecia. Deslumbrada, ela perguntava sobre um e sobre outro, queria saber de lugares e coisas relativas à família. E eu contava tudo o que sabia sobre tais assuntos. Quando enfim o sono apertou, desligamos tudo e fomos descansar da noite da Véspera de Natal.

Como disse antes, acordei cedinho, para aproveitar bem o feriado. As duas filhotas despediram-se, pois ontem era o dia do pai e hoje seria o dia das mães. Não havia como não concordar com elas e aceitei, um tanto constrangido. Afinal, sobrara muita comida da janta de ontem e eu nem careceria preparar comida nova.

Perto das onze horas fui até a casa de meu irmão Adão, logo ali, pertinho, para desejar os costumeiros votos de Feliz Natal a ele e aos seus. E não é que ele convidou-me para almoçar com sua família? Aceitei com o maior carinho. Somos os dois únicos sobreviventes, desde os pais até todas as irmãzinhas que tivemos. Alzira, Nazira, Odete, Zilda e Eva eram as flores lindas que enfeitavam nossa modesta casa. Todas se foram, infelizmente. Fiquei com meu irmão até às quinze horas e, não sabemos porquê, nos sentimos um tanto *aborrecidos* depois do almoço e algumas cervejas, além de uma caipira para abrir o apetite. Era hora de uma soneca reparadora.

Perto das dezessete horas o telefone chamou outra vez. Fui atender e tal foi minha alegria: outro amigo, lá dos tempos de Policial Militar, 1969, estava do outro lado da linha. João Maria Agostinho Riola é seu nome. Não falávamo-nos havia anos! Ele era soldado combatente e eu aluno-sargento. Sempre fomos muito ligados na época, e vivemos experiências fantásticas naqueles dias de policial. Temos orgulho de dizer que nossas turmas daqueles anos 1969 e 1970 abriram as portas do 3º BPM de Canoinhas à juventude e à sociedade de uma forma geral. A maior parte absoluta dos policiais militares daquele tempo eram já homens de perto de meia idade ou além, circunspectos, ensimesmados, alheios à sociabilidade, trazendo vícios antigos que não os fazia ter por eles o devido respeito por parte da população. Tipos fora de forma, barrigudos, bigodudos, ranzinzas ou sarcásticos...

Os policiais que foram admitidos naqueles dois anos seguidos eram, na maior parte, jovens que iniciariam ali uma carreira militar brilhante nos quadros da briosa corporação de Santa Catarina. A maior parte das turmas tinha o ginásio, o que não era fácil naqueles dias. Um cidadão que tivesse concluído o Ginásio era quase que como um acadêmico de alguma faculdade dos dias de hoje. Então podemos concluir que houve uma renovação no pessoal da PM em Canoinhas. Logo nos inserimos na sociedade com o passar dos meses, gradativamente, ainda que com os olhares angustiantes dos pais das meninas das escolas, principalmente das

Normalistas do Sagrado Coração de Jesus, escola muito conceituada da cidade. Já um ou outro soldadinho mais assanhado começava um namoro meio acanhado com uma normalista, acompanhados pela severidade do olhar da sociedade desacostumada a tal mistura. Os comandantes da tropa também chamavam à atenção os pracinhas para que não cometessem nenhum “mal” às meninas da elite social. Treinados por um Aspirante-Oficial recém-chegado a Canoinhas, Nelson Coelho, minha turma de alunos-sargento dedicou-se com garra na apresentação de ginástica calistênica básica, saltos ornamentais, inclusive com arco de fogo, barras fixas, barras paralelas, luta romana e tantas outras modalidades que se fazia surgir aos olhos das nossas convidadas normalistas, acompanhadas, claro, das freiras professoras, todas sentadas nas arquibancadas de concreto que ladeavam a cerca da Rua Duque de Caxias. Aplaudiam com vigor a cada apresentação. Parecia um circo de verdade! Os soldados davam o melhor de si para agradar a plateia, feito faceiros saltimbancos de bermudas e camisetas iguais. E a plateia, com o tempo foi incorporada também pela população e passou também para o lado de fora da cerca, com famílias inteiras assistindo ao espetáculo, apoiadas à cerca de arame que delimitava os terrenos do quartel. Muitas escolas da cidade buscavam sua vez de assistir aos shows dos soldados da PM de Canoinhas! Acabou tornando-se uma tradição aquela apresentação.

Logo no meio do ano veio a ideia de fazermos uma festa junina nos pátios do Batalhão. Houve resistência inicialmente por parte do comando, mas depois de conversas com as pessoas, pais de família, outras autoridades locais, abriram-se os portões do quartel para a comunidade.

A festa foi um sucesso! Centenas de pessoas participaram do evento promovido pelos alunos-sargentos. E olha que até quentão era servido nas barraquinhas! Pipocas, doces, salgados, brincadeiras, danças, shows de artistas do próprio batalhão, e o povo feliz e compartilhante divertia-se sob as lâmpadas coloridas e bandeirinhas decorativas e a queima da tradicional fogueira de São João. Foi uma tradição que durou alguns anos e sempre levou a sociedade canoinhense a frequentar a Festa Junina do Quartel!

Riola e eu ficamos ao telefone por cerca de três quartos de hora relembrando nossos feitos daquela época, rimos feitos meninos, cada um recordando um trecho da nossa história. Contou-me que, quando saiu de Santa Catarina e foi para São Paulo, a grande metrópole, fez concurso para ingressar no metrô ainda em construção, e acabou sendo aposentado, mais de trinta anos depois, num cargo de chefia. Conversamos à exaustão e outra vez, em menos de vinte e quatro horas, ouvi a frase: *Penteado, você foi o único amigo que fiz em toda minha vida!*

Fiquei maravilhado de novo, pois nossa amizade, tal como com Amauri, excede meio século de duração, apesar da distância...

É ótimo ter amigos!